

AS VERSÕES ALEMÃ E FRANCESA DE “O QUINZE” DE RACHEL DE QUEIROZ: TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS À LUZ DA TEORIA DO ESCOPO E DA ABORDAGEM FUNCIONALISTA DA TRADUÇÃO

Tito Lívio Cruz ROMÃO (UFC)²¹⁸

RESUMO: Partindo-se da noção de “transferência cultural” proposta por Espagne (2012), pode-se estabelecer um diálogo entre essa noção e alguns conceitos da Teoria do Escopo de Reiss & Vermeer (1984/1991). Neste trabalho, pretende-se realizar tal diálogo mediante uma análise crítica da tradução do romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, em alemão e francês. De um ponto de vista metodológico, a noção de “especificidades culturais” defendida pela Teoria do Escopo (Vermeer, 1990) serve como base para o exame crítico das traduções do romance em questão. Ademais, aqui também são úteis alguns conceitos extraídos da Abordagem Funcionalista da Tradução, nascida sob a égide da teoria de Reiss & Vermeer (1984/1991) e posteriormente aprofundada por Nord (1988/2017). No romance de Rachel de Queiroz há um entrelaçamento de diferentes nuances marcadas pelo colorido local. Graças a seu forte apelo local e regional, esses elementos representam um grande desafio tradutório. Mediante o cotejo entre a obra original e algumas soluções propostas pelos tradutores estrangeiros, este trabalho tenciona mostrar o modo como a realidade cultural do sertão cearense foi acomodada e retratada nas duas culturas e línguas de chegada supramencionadas.

Palavras-chave: Romance cearense; Análise crítica; Tradução alemã; Tradução francesa.

ABSTRACT: Starting from the notion of “cultural transfer” proposed by Espagne (2012), it is possible to establish a dialogue between this notion and some concepts of Reiss & Vermeer’s Scope Theory (1984/1991). In this work, we intend to carry out such a dialogue through a critical analysis of the translation of the novel “O Quinze”, by Rachel de Queiroz, in German and French. From a methodological point of view, the notion of “cultural specificities” advocated by the Scope Theory (Vermeer, 1990) serves as a basis for the critical examination of the translations of the novel that we are dealing with. In addition, here are also some concepts extracted from the Functionalist Approach to Translation, born under the aegis of Reiss & Vermeer’s theory (1984/1991) and later deepened by Nord (1988/2017). In Rachel de Queiroz’ novel there is an interlacing of different nuances marked by the local color. And thanks to their strong local and regional appeal, these elements represent a great translation challenge. Through the comparison between the original work and some solutions proposed by the French and German translators, this paper intends to show how the cultural reality of the very dry backlands of the state of Ceará (the so-called sertão) was accommodated and portrayed in the two target-cultures and target-languages.

Keywords: A novel made in Ceará. Critical analysis. German translation. French translation.

*Teve um súbito desejo de emigrar, de fugir, de viver numa terra melhor,
onde a vida fosse mais fácil e os desejos não custassem sangue.*
Rachel de Queiroz

²¹⁸ Professor de Língua e Cultura Alemã na Licenciatura em Letras/Habilitação Português-Alemão e membro do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POET) da Universidade Federal do Ceará. Contato: cruzromao@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Mediante sua noção de “transferência cultural” voltada – enquanto orientação metodológica – para a pesquisa em história, Espagne (2012) lança luz sobre os entrelaçamentos que podem existir entre diferentes espaços nacionais e culturais ao entrarem em contato mais íntimo. Dessa maneira, ao tentar compreender de que maneira e através de que processos ocorrem “importações identitárias”, o teórico francês destaca as transformações e admite que:

Toda passagem de um objeto cultural de um contexto para outro tem por consequência uma transformação de seu sentido, uma dinâmica de ressemantização, que somente podemos reconhecer plenamente, se levarmos em conta os vetores históricos da mudança. (ESPAGNE, 2012, p. 1).

É mister adiantar que Espagne (1987, p. 971) não trata a tradução como o fator essencial para a realização de transferências culturais. Para o autor, não se deve pôr em primeiro lugar, no contexto das transferências culturais, obras que, com muita frequência, são “difundidas e traduzidas em uma época muito tardia” (*ibid.*); mais importante são, para Espagne, “os indivíduos que intercambiam informações ou representações e se agrupam progressivamente em redes” (ESPAGNE, 1987, p. 984). Ressaltemos que Espagne (1987), nesse seu estudo, parte das relações franco-alemãs referentes ao período entre os anos de 1750 e 1914. De maneira categórica, faz objeções a que “os problemas de transferência cultural geralmente tenham sido estudados segundo o esquema da história das influências” e cita, como exemplo destas, o papel de mediadores e tradutores (ESPAGNE, 1987, p. 970). Sua crítica se baseia, por exemplo, em que esse esquema negligencia as condições nas quais se deu a transferência cultural. Ademais, também “negligencia o que se pode referenciar sob o termo da conjuntura da cultura receptora e, por outro lado, a permanência das tradições culturais que entravam as transferências” (*ibid.*). Embora entendamos que os objetivos da teoria proposta por Espagne engloba e aprofunda de maneira mais radical conteúdos históricos e historiográficos em torno de transferências entre culturas, defendemos que o embate existente entre a cultura receptora e os aportes de uma outra cultura são bastante – se não plenamente – compatíveis com a evolução de teorias da tradução baseadas em especificidades culturais, como é o caso da Teoria do Escopo de Katharina Reiss & Hans Vermeer (1984; 1991), que não defende uma abordagem da tradução meramente logocêntrica.

Na metodologia de Espagne, vale também apontar que “uma cultura nacional igualmente se define por seus limites, e aquilo que é intercambiado além das fronteiras do sistema entra em conflito com a hierarquia dos valores estabelecidos [...]” (ESPAGNE, 1987, p. 971). Se transferirmos essa noção para os Estudos da Tradução, vemos que ela também se aplica a embates linguístico-culturais que a tradução de uma obra pode provocar ao ser traduzida e introduzida em outra cultura. Como ilustração seria fácil apelar, neste caso, para o exemplo da tradução da Bíblia, mas também se pode ilustrar esse intercâmbio e o conflito por ele provocado considerando-se, por exemplo, as traduções de obras de Freud, que revolucionaram não apenas as áreas da psicologia, psiquiatria e psicanálise, mas também a literatura mundial, notadamente a ocidental.

Em seu raciocínio, Espagne também ressalta o “caráter policultural de cada cultura”, pondo em evidência, assim, as hierarquias de diferentes tradições culturais no seio de um mesmo espaço cultural, mostrando que a questão vai além da simples delimitação externa de cada cultura (cf. ESPAGNE, 1987, p. 971s.).

Voltando nossa atenção especificamente para o âmbito da tradução literária, lembremos que, nas palavras de Kloepfer (1967, p. 17), “o tradutor é aquele que torna compreensível o incompreensível; ele também é, portanto, intérprete, exegeta”. Na qualidade de exegeta, ao se ver diante de uma tradução literária, o tradutor enfrenta desafios que certamente vão muito além de um mero reducionismo linguístico *à la* Catford (1965; 1980), que, apesar de suas relevantes contribuições no âmbito da tradução, propunha uma definição “intencionalmente ampla” das ações realizadas por tradutores, não levando necessariamente em conta aspectos relevantes das culturas de partida e de chegada. Preferia, assim, insistir na “substituição de material textual” expresso em uma língua-fonte por “material textual equivalente” em uma língua-alvo. Os teóricos Nida & Taber (1969), embora ainda tenham escrito em uma fase anterior ao advento dos Estudos da Tradução (cf. HOLMES, 1972), já se preocupavam em destacar que traduzir consiste em “reproduzir, na língua do receptor, o equivalente natural mais próximo da mensagem produzida na língua original”, primeiramente em termos de significado e, em segundo, em termos de estilo”. Tais ideias podiam ser combinadas àquela época, à guisa de exemplo, com a definição tripartite que Jakobson (1991 [1959], p. 64-65) já concebera: “tradução intralingual, tradução interlingual e tradução intersemiótica”. Alguns anos mais tarde, em um livro dedicado aos problemas teóricos da tradução, Georges Mounin (1975) tinha como um de seus focos principais o cuidado com as interferências linguísticas, apoiando-se ainda em concepções que exaltavam outros aspectos mais marcadamente linguísticos (p. ex. bilinguismo). Um representante da escola alemã de tradução, Wolfram Wilss (1977), ao tentar definir o processo tradutório, já falava de um “sistema de processamento textual e de reverbalização textual”, em que importavam tanto a busca de equivalentes linguísticos entre os idiomas de chegada e de partida, quanto os aspectos voltados para a compreensão temática, as questões estilísticas e a equivalência comunicativa. Com o passar das décadas, vê-se que as diferentes discussões e contribuições sobre o ato de traduzir foram cada vez mais lançando luz sobre a necessidade de se entender que as línguas fazem parte de uma esfera mais ampla constituída pelas culturas envolvidas no processo tradutório. Hans J. Vermeer, que juntamente com K. Reiss criou a chamada teoria do escopo (REISS; VERMEER, 1991 [1984]) e ao mesmo fortaleceu os princípios da abordagem funcionalista da tradução, apresenta-nos uma definição de processo tradutório que entendemos como relevante para as discussões que serão feitas neste trabalho:

Em algum lugar, defini translação como uma oferta de informação em uma língua “a” da cultura “A”, que imita uma oferta de informação em uma língua “f” da cultura “F”²¹⁹ de forma compatível com a função (!). Isto quer dizer mais ou menos o seguinte: uma translação não é a transcodificação de palavras ou frases de uma língua para outra, mas uma ação complexa em que alguém, sob novas condições funcionais e linguísticas, relata sobre um texto (situação inicial), em uma nova situação, imitando-o, o máximo possível, também do ponto de vista formal. (VERMEER, 1994, p. 33).

Primeiramente, é necessário lembrar que Vermeer faz uso do termo “translação” (cf. REISS; VERMEER, 1991, p. 9), que primeiramente fora empregado por Otto Kade (1968, *apud* REISS; VERMEER, 1991, p. 6), linguista e teórico da tradução da Escola de Leipzig. O termo translação foi adotado pela teoria do escopo. Trata-se de um hiperônimo sob o qual residem as ideias de tradução/traduzir e interpretar/interpretação. Ademais, Vermeer defende que uma translação sempre também é uma “transferência transcultural” e que ela representa, por conseguinte, “a solução mais possível a partir de seus nexos culturais [da cultura-fonte] e sua implantação em nexos de uma cultura-alvo” (VERMEER, 1994, p. 34). Em segundo

²¹⁹ Entenda-se que a/A significam “alvo” e f/F, “fonte”.

lugar, ao se referir à compatibilidade funcional de uma tradução, o autor quer deixar claro que, quando se faz uma “translação”, é preciso atentar para a função assumida pelo texto original e para a função que deverá assumir o novo texto, ou seja, o texto-alvo trasladado para a cultura de chegada. Função passa, nesse âmbito, necessariamente pela noção de gêneros textuais. Uma translação “relata”, pois, sobre uma situação inicial, ou seja, não é uma mera transposição de signos, palavras ou frases como sugere a equação linguístico-cêntrica proposta por Catford, 1980 [1965]); uma translação é, muito mais, uma nova representação textual que parte de uma situação linguístico-cultural inicial abrigada em uma cultura-fonte (situação inicial) e que passa a ser inserida em uma nova situação, aquela representada em uma língua-alvo e em uma cultura-alvo. E esse “relato” ocorre na condição de ato comunicativo que acontece, no mínimo, entre duas línguas e entre duas culturas.

Cumpra salientar que o termo cultura pode ter diferentes acepções, dependendo dos objetivos que se busquem para fundamentar uma determinada ideia. Seguimos, para este trabalho, a definição proposta por Vermeer, que entende cultura como “[...] o conjunto composto por todas as normas e convenções de comportamentos de uma sociedade e pelos resultados dos modos de comportamentos sujeitos a normas e convenções” (VERMEER, 1990a, p. 36). Em uma coletânea de palestras proferidas sobre especificidades culturais em atos translatórios, Vermeer nos lembra que a língua, por um lado, é influenciada pelo(s) comportamento(s) dos indivíduos que compõem uma sociedade. Acrescenta que esses comportamentos, por outro lado, são influenciados por “fatores extrassociais, tais como circunstâncias geográficas e climáticas”. Christiane Nord (2016), estudiosa alemã que muito tem contribuído para a difusão teórico-prática da abordagem funcionalista da tradução, apresenta uma definição de tradução que muito bem resume as ideias apresentadas acima:

Tradução é a produção de um texto-alvo funcional, mantendo-se uma relação com um determinado texto-fonte que é especificada de acordo com a função pretendida ou exigida do texto-alvo (*skopos*). A tradução permite que um ato comunicativo aconteça, o que de outra forma não seria possível devido às barreiras linguísticas e culturais. (NORD, 2016, p. 61).

A seguir, analisaremos algumas “notas do tradutor” elaboradas pelos tradutores do romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, para a língua francesa. Tentaremos mostrar de que forma esse recurso ou estratégia metatextual de tradução ajuda a apresentar, na cultura francesa, a obra regionalista da autora cearense. Também verificaremos se esse recurso, em alguns momentos, falha em sua tentativa de diminuir ou eliminar as eventuais barreiras linguísticas e culturais existentes. Além disso, o recurso empregado pelos dois tradutores da obra em francês será contrastado com a estratégia encontrada pela tradutora alemã de *O Quinze*, perseguindo-se os mesmos objetivos que os descritos em relação ao recurso empregado na versão francesa.

ESPECIFICIDADES LINGUÍSTICO-CULTURAIS NAS VERSÕES FRANCESA E ALEMÃ DE *O QUINZE*

Ao se traduzir uma obra literária com características culturais muito típicas de um país e/ou de uma região de um país, sabe-se que os problemas a serem enfrentados no processo tradutório vão além de dificuldades unicamente de ordem semântico-lexical. Por esse motivo, alguns tradutores, normalmente por iniciativa própria e/ou após negociação com a editora responsável pela publicação, recorrem a determinadas estratégias metatextuais para tentarem resolver ou diminuir o peso representado por conteúdos culturais não existentes de maneira

idêntica e simultânea nas culturas de partida e de chegada ou até mesmo existentes apenas em uma das duas culturas. Dentre essas estratégias metatextuais, os tradutores podem recorrer, por exemplo, às seguintes: a) uso de explicações inseridas no corpo do texto; b) emprego de notas do tradutor (em geral como notas de pé de página); e c) elaboração de glossários como anexos da tradução (cf. ROMÃO, 2000, p. 230).

Na tradução francesa do romance *O Quinze*, realizada por Jane Lessa e Didier Voïta, e que recebeu o título *L'année de la grande sécheresse* (QUEIROZ, 1986), observamos que os tradutores fizeram uso de diversas notas para esclarecerem, por exemplo, designações de árvores e pássaros brasileiros, “nomes de batismo” dados pelos personagens humanos aos personagens animais, aspectos históricos e geográficos, dentre outros. É relevante esclarecer que a própria tradução do título em francês já demonstra uma preocupação dos tradutores em deixar claro que o livro trata de uma “grande seca”. Isso não acontece na estratégia adotada pela tradutora alemã, que, ao fazer uma versão quase literal do título, apenas acrescentando a palavra “ano” (*Das Jahr 15*), talvez tenha querido deixar um certo suspense em torno daquele título, aguçando, assim, a curiosidade dos leitores. Trata-se também, de qualquer modo, de uma solução que tem seu mérito.

A tradução alemã, realizada e publicada por Ingrid Schwamborn a primeira vez em 1978 e reeditada em 1991 (ambas as vezes pela editora Suhrkamp, de Frankfurt am Main), e revista e publicada em 2014 (dessa vez pelas Edições da UFC em Fortaleza), não faz uso de notas do tradutor. Na tradução publicada pela Editora Suhrkamp, foi anexado um glossário mínimo que contém apenas cinco (!) entradas. Além disso, a tradutora busca, no corpo do texto, incluir brevíssimas explicações, tentando assim tornar o texto mais claro e ao mesmo tempo mais fluido. Na edição de 2014, publicada no Ceará, a tradutora conta com bastantes materiais suplementares que tornam supérfluas, em grande parte, algumas estratégias metatextuais visando a superar barreiras linguísticas e culturais. Tais materiais são, na verdade, ensaios escritos por diferentes autores do Brasil e da Alemanha que detalham, comentam e pormenorizam aspectos da cultura e da linguagem regional cearense presente na obra de Rachel de Queiroz objeto deste artigo. Assim, Ingrid Schwamborn tem à sua disposição um arsenal de contribuições, em forma de paratextos e/ou textos paralelos editados em conjunto com a tradução, que podem atuar como estratégias metatextuais diretas para se evitarem, reduzir, atenuarem e dirimirem dúvidas.

Aqui damos destaque à escolha dos tradutores franceses, que recaiu sobre o emprego de notas do tradutor. Nesse sentido, recorreremos ao estudo feito por Solange Mittmann acerca da relação entre notas do tradutor e processo tradutório (MITTMANN, 2003). Vejamos uma das opiniões apresentadas pela autora sobre esse tipo de estratégia metatextual de tradução:

Para Eugene Nida (1964b, p. 238), as N[otas]T[do tradutor] devem ser usadas quando a tradução resultar numa expressão sem sentido ou equivocada. A N.T. apresenta duas funções: de acrescentar informações que possam ser úteis para a compreensão do contexto histórico-social e de corrigir discrepâncias linguísticas e culturais. Isto é feito, por exemplo, explicando costumes diferentes, identificando objetos e lugares desconhecidos, apresentando equivalentes de pesos e medidas, oferecendo informações sobre trocadilhos e incluindo dados sobre nomes próprios. (MITTMANN, 2003, p. 115).

A partir da citação acima, podemos adiantar que as notas do tradutor (doravante NT) analisadas neste trabalho, propostas pelos tradutores da edição francesa de *O Quinze*, coincidem em grande parte com as noções discutidas pela autora a partir das ideias de Nida. Na sequência, ela explora um outro ângulo de visão sobre as NT, ao sublinhar que Paulo

Rónai (1981 [1975], p. 100) chama a atenção para que as notas apenas “sejam explicativas”. Vejamos o que afirma Rónai:

O que se há de fazer, quando o texto, insuficientemente claro para leitores de outra nação, exige explicações? Há o recurso às notas, ao pé da página ou no fim do volume. Tais notas atualmente são desaconselhadas em livros de ficção, onde, ao que se diz, contribuem para quebrar a ilusão, prejudicando a identificação do leitor com a obra. Por isso há quem recomende ao tradutor encontrar um jeito para incorporá-las ao texto sem o sobrecarregar. (RÓNAI, 1981 [1975], p. 100).

Como se pode depreender das palavras do tradutor Rónai, na situação da tradução alemã de *O Quinze*, a tradutora optou por encontrar um jeito de incorporar as NT ao texto, sem o sobrecarregar. Resta-nos constatar se, apenas por essa escolha, a tradutora também terá obtido sempre êxito com suas inserções explicativas diretamente no corpo do texto. A seguir, apresentaremos alguns exemplos extraídos do texto original (TO) a partir das notas do tradutor encontradas na tradução francesa (TF). Na apresentação, os exemplos serão distribuídos em categorias que vão de A) a D) e são acompanhados das soluções propostas na primeira tradução alemã (TA), que foi publicada pela Editora Suhrkamp. Somente serão feitos comentários sobre a tradução mais recente em língua alemã, se alterações realmente relevantes tiverem sido feitas. Cada exemplo dado será acompanhado de comentários feitos pelo autor deste artigo com base nas concepções da teoria do escopo de Reiss & Vermeer (1984; 1991), da abordagem funcionalista da tradução de Nord (1988; 2016) e, de certa forma, da noção de transferência cultural de Espagne (1987; 2012; 2013).

A) Designações de plantas:

Veremos abaixo que os tradutores franceses em geral optam por deixar os nomes de plantas no original e recorrem a notas de rodapé para explicar de que tipo de planta se trata e que denominação latina elas possuem. Em direção oposta, na maioria das vezes a tradutora alemã decide-se por termos híbridos, através de justaposição de substantivos, que apresentam em parte uma componente brasileira e em parte um termo alemão. Observem-se os exemplos:

Jurema e juazeiro:

- TO: Encostado a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando [...] (p. 5).
TF: Appuyé au tronc sec d'un *jurema*, devant le *juazeiro* que mutilait peu à peu la machette de ses hommes, [...] (p. 11).
TA: Vicente lehnte an einem dürren Jurema-Baum gegenüber dem Juazeiro-Baum, den die Sensen der Landarbeiter nach und nach verstümmelten, [...] (p. 11).

Na NT da tradução francesa sobre a planta *jurema*, encontramos a seguinte afirmação: « Arbuste commun dans le sertão semi-aride, aux branches très dures, contorsionnées, armées d'épines et aux feuilles composées de folioles (*Pithecolobium Tortum*) ». Uma pesquisa mostra que o nome latino correto é *Pithecolobium tortum*. Em relação a *juazeiro*, a NT diz: « arbre élevé et feuillu, caractéristique du Nord-Est brésilien, apportant ombre et nourriture au bétail même durant la sécheresse (*Zizyphus joazeiro*) ». Como se pode ver, os tradutores destacam os aspectos principais (características, utilidades etc.) das duas plantas e reconhecem-nas como típicas do Nordeste brasileiro. A tradutora alemã, por sua, recorre à

facilidade que sua língua tem em criar compostos por justaposição. Traduzidas de volta para o português, as palavras por ela empregadas corresponderiam, respectivamente, a *pé de jurema* e *pé de juazeiro*. Essa tradução resulta, todavia, em um problema inexistente na tradução francesa: a menos que disponham de conhecimentos prévios sobre essas plantas, os leitores germanófonos não têm ideia sobre as distinções existentes entre os dois tipos de árvores. Na tradução de 2014, Ingrid Schwamborn antepõe à palavra híbrida *Juazeiro-Baum* um adjetivo explicativo entre colchetes: “[...] gegenüber dem [immergrünen] Juazeiro-Baum, [...]” (QUEIROZ, 2014, p. 113). Esse vocábulo alemão significa “sempre verde” em português.

Embora se trate de um tema mais geral, e não especificamente das plantas, no exemplo em questão chama-nos a atenção a presença da palavra *sertão*, termo característico do Brasil e que, mesmo em território brasileiro, tem suas peculiaridades regionais. Cabe, aqui, a noção do “caráter policultural de cada cultura” proposto por Espagne, a que já nos referimos acima. A palavra *sertaneja* já surge à página 9 do original, levando os tradutores a posicionar-se a esse respeito:

TO: E, deitada, à luz vermelha do farol que ia enegrecendo o alto da manga com a fumaça preta, na calma da noite sertaneja, [...] (p. 4).

TF: Et, allongée, à la lumière rouge de la lampe qui charbonnait le haut du verre de sa fumée noire, dans la nuit calme du sertão, [...] (p. 9).

TA: In dieser stillen Sertão-Nacht, unter dem rötlichen Licht der Lampe, deren Docht sich nach und nach mit Ruß schwärzte, [...] (p. 9).

Observamos que em ambas as traduções os tradutores recorreram à palavra *sertão*. Na tradução francesa, não há nenhuma nota nem explicação inserida no corpo do texto que explique o que é *sertão*. No entanto, se examinarmos a quarta capa da versão francesa, veremos que ali há um breve antegosto do enredo do romance, em que se descrevem as secas cíclicas que assolam o Nordeste do Brasil e também se faz referência à seca de 1915 e, após algumas frases sobre o destino de Chico Bento e sua família, se emprega o termo *sertão* que, nesse contexto, fica de certo modo explicado. Eis o trecho contido na quarta capa:

TF: Les sécheresses cycliques qui s’abattent sur le Nord-Est brésilien flagellent une population qui ne quitte sa terre que poussée par la famine et s’empresse de revenir avec les premières pluies. Mais en cette terrible année 1915 – une des plus cruelles dans le souvenir des Brésiliens – il faut partir, partir sans espoir de retour. Sur l’interminable route qui mène à l’Amazonie et, croit-il, au salut, chemine Chico Bento, accompagné de sa famille. La mort, hideuse compagne de voyage, rôde autour des enfants que la faim exaspère. Vicente, le jeune éleveur, refuse pour sa part de lâcher ses bêtes, et ce *sertão* aux terres fauves qui est sa raison de vivre.

Na tradução alemã, há uma orelha e uma quarta capa, mas ali não se faz nenhuma alusão explícita ao termo *sertão*. Há, porém, um trecho do próprio texto original em que surge a possibilidade, aos olhos do leitor, de se ter uma breve ideia do que é *sertão*:

TO: Todo o dia a cavalo, trabalhando, alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude (p. 10).

TF: Toute la journée à cheval, travaillant avec bonne humeur et générosité, Vicente avait toujours été ainsi, attaché à la terre, au sertão, voulant être vacher, [...] (p. 17).

TA: So war Vicente immer gewesen, den ganzen Tag auf dem Pferd, stets fröhlich und arbeitsam, ein Freund der Wildnis, des Sertão, von allem, was schlicht und rauh war. (p. 17).

Caatinga:

TO: Novamente no cavalo pedrês, Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta (p. 7).

TF: À nouveau sur son cheval, Vicente avançait au pas sur la route rouge et pierreuse bordée par le buissonnement noir de la *caatinga* morte (p. 14).

TA: Vicente saß erneut auf seinem Schecken und ritt über die rötliche, steinige Straße, die von den schwarzen Ästen des abgestorbenen Caatinga-Gestrüppes wie eine Galerie gesäumt war (p. 14).

De maneira semelhante à palavra *sertão*, que já foi comentada acima, o termo *caatinga*, que por si só já resume a vegetação típica do semiárido nordestino brasileiro, também aparece no texto original e merece ser perscrutado nesta análise comparativa dos resultados obtidos nas traduções em questão.

Na tradução francesa, a palavra *caatinga* é explicada em uma NT com este teor: «végetation caractéristique du sertão du Nord-Est brésilien, composée d'arbustes surtout épineux et de cactus». Embora se tenham destacado, aí, aspectos genéricos importantes desse tipo de vegetação (plantas espinhosas, cactos etc.), a NT dá a impressão de que se trata apenas de arbustos, quando, na verdade, a caatinga também se compõe de árvores. Na TA, recorre-se a um substantivo composto com estes dois termos: *caatinga* e *Gestrüpp* (*Caatinga-Gestrüpp*). Ora, o termo *Gestrüpp* significa em alemão, de acordo com o Dicionário DUDEN²²⁰, *wild wachsendes, fast undurchdringliches Gesträuch* (arbustos que crescem de forma selvagem e que são quase impenetráveis). Essa explicação peca, por um lado, por conferir à *caatinga* apenas o critério de arbusto e, por outro, por não indicar os fatores ligados a plantas espinhosas, cactáceas, ao poder de sobrevivência dessas plantas mesmo durante as secas etc.

Mandacaru:

TO: Pois eu, não! Enquanto houver juazeiro e mandacaru em pé e água no açude, trato do que é meu! (p. 6).

TF: Eh bien, pas moi! Tant qu'il y aura debout des juazeiros et des *mandacarus*, et de l'eau dans les barrages, je m'occuperai de ce qui est à moi! (p. 12).

TA: Solange noch Juazeiro-Bäume und Mandacaru-Kakteen stehen, und Wasser im Teich ist, kümmere ich mich um meine Tiere. (p. 12).

Sobre o termo *mandacaru*, a NT na versão francesa informa o seguinte: «Grand cactus, presque de la taille d'un arbre, à plusieurs branches, qui sert d'aliment au bétail pendant la sécheresse » (p. 12). É interessante notar que o vocábulo *juazeiro*, que já aparecera antes e fora explicado em uma NT, agora já não mais surge em itálico, ou seja, já se encontra

²²⁰ Cf.: Disponível em: <http://www.duden.de/rechtschreibung/Gestruemp>; acesso em 30/08/2017.

abrigado no texto-alvo francês como um termo conhecido. Vemos que na tradução alemã, a tradutora recorre, mais uma vez, ao mecanismo – que nos exemplos aqui apresentados soa, de certa maneira, tautológico – de justaposição de palavras: fala-se, na TA, em *pés de juazeiro e cactos-mandacaru*.

Umarizeiras:

TO: Quando Vicente se despediu, e montou ligeiro no cavalo que arrancou de galope, Conceição estirou-se na rede e ficou olhando o vulto branco que a poeira ruiva envolvia, até o ver se sumir atrás de um grupo de umarizeiras da várzea (p. 10).

TF: Lorsque Vicente eut fait ses adieux et enfourché agilement son cheval qui s'élança au galop, Conceição s'étendit dans le hamac et resta à regarder la silhouette blanche enveloppée de poussière rousse, jusqu'à la voir disparaître derrière un bouquet d'umarizeiras de la plaine (p. 17).

TA: Nachdem sich Vicente verabschiedet und schnell das Pferd bestiegen hatte, das im Galopp losging, legte sich Conceição in die Hängematte und blickte der weißen, von einer roten Staubwolke eingehüllten Gestalt nach, bis sie hinter einer Baumgruppe der Pflanzung verschwand (p.17)

Mais uma vez se pode verificar que a tradução francesa busca levar para o texto francês o conteúdo mais próximo possível do texto de partida. Tenta, desse modo, “relatar”, na nova situação, um ato comunicativo de conteúdo e função muito próximos daqueles apresentados no texto-fonte. Na mesma tradução, é apresentada esta NT que explica o sentido de *umarizeiras*: « Arbre des pays chauds, aux fruits comestibles, dont le bois léger est utilisé en menuiserie ou comme moyen de chauffage, charbon, etc. (*Poraqueiba paraensis*) ». Na TA, por seu turno, “os grupos de umarizeiras” são reduzidos a “um grupo de árvores da plantação” (*einer Baumgruppe der Pflanzung*) inteiramente indefinido. Na tradução alemã de 2014, a tradutora resolveu introduzir o termo híbrido composto de “umarizeiro” e “Baumgruppe”: “[...] bis sie hinter einer *Umarizeiro*-Baumgruppe in der Niederung verschwunden war” (QUEIROZ, 2014, p. 120).

Salsa:

TO: Quando Vicente foi chegando em casa, de volta do Logradouro, a família toda cercava uma ovelha de lã avermelhada pela poeira e eriçada de garranchinhos e folhas secas, que estirada no chão, toda entanguida, tremia, com as pernas duras e os olhos vidrados: - Salsa, não foi? [...] Mas menino, por que você não faz a criação pastar fora do pátio? Não sabe que lá só tem é salsa? (p. 14).

TF: Quand Vicente rentra à la Maison, de retour du Logradouro, la famille au grand complet faisait cercle autour d'une brebis à la laine rouge de poussière et hérissée de brindilles et de feuilles sèches; étendue sur le sol, elle tremblait, toute transsée, les pattes raides et les yeux vitrés. « De la ciguë, n'est-ce pas? » [...] « Mais aussi, mon enfant, pourquoi fais-tu brouter les bêtes en dehors de la cour? Tu ne sais pas que là-bas, il n'y a que de la ciguë? » (p. 22s).

TA: Als Vicente von Logradouro nach Hause zurückkam, stand die ganze Familie um ein Schaf herum, dessen Wolle ganz rot vom Staub und voller Ästchen und Laubblätter

war; es lag mit steifen Beinen und glasigen Augen auf dem Boden und zitterte ängstlich. „Petersilie, stimmt’s?“ [...] „Aber Junge, warum schickst du die Tiere zum Grasen nicht aus dem Hof? Weißt du denn nicht, daß hier alles voller Petersilie ist?“ (p. 24).

Na cena acima descrita, a ovelha foi envenenada após comer salsa (*Ipomoea asarifolia*), também chamada de salsa-brava, uma espécie de planta da família *Convolvulaceae* e do gênero *Ipomoea*, uma planta herbácea de característica trepadeira e rasteira. Típica do Nordeste semiárido brasileiro, essa planta provoca “intoxicação no período da seca, quando há carência de forragens”, afetando “mais frequentemente cordeiros jovens, que aparentemente ingerem a planta mais facilmente que os ovinos adultos ou outras espécies” (BEZERRA, 2011, p. 33). Entre os principais sinais clínicos, observam-se “tremores musculares, que inicialmente se localizam na cabeça caracterizando-se por movimentos laterais contínuos (tremores de intenção) (*ibid.*)”. Na TF, a palavra salsa foi vertida como *ciguë*, que corresponde a *cicuta*, em português, uma erva nativa de regiões temperadas do Hemisfério Norte, considerada uma das plantas mais venenosas, quando ingeridas. Desse modo, entendemos que no processo translatório a transferência de conteúdo cultural não corresponde à realidade, já que traslada uma planta de zonas temperadas para a região do semiárido brasileiro. Uma solução teria sido fazer o que normalmente os tradutores franceses fizeram em situações semelhantes: manter o termo em português brasileiro e apresentar uma NT em que os detalhes sobre a planta fossem apresentados. Há, pelo menos, uma noção semelhante à planta brasileira: a toxicidade da planta. Na tradução alemã, *Petersilie* (*Petroselinum crispum*) corresponde, no Brasil, à erva aromática conhecida como salsa crespa ou salsinha crespa, mas se trata, nesse caso, de um problema de polissemia representado pelo vocábulo *salsa*. Em decorrência disso, na tradução alemã a leitura feita provoca uma transferência de conteúdo cultural bastante equivocada: a ovelha que está se debatendo nos últimos estertores de vida em meio à grande seca conseguiu comer folhas de *salsa crespa*, uma erva que ainda hoje é rara nos supermercados das grandes cidades nordestinas. Na tradução alemã de 2014, a tradutora (QUEIROZ, 2014, p. 129) recorre ao termo *Hundspetersilie* (*Aethusa cynapium*), uma erva altamente venenosa normalmente encontrada nos campos e pastos de países europeus e da Ásia Menor, designada como *pequena-cicuta* em português (OLSON, 2014, p. 406). Embora tenha sido eliminado o problema causado pelo termo *Petersilie*, que designa uma erva inofensiva e consumida por seres humanos, o texto alemão de 2014 incorre em um equívoco semelhante àquele cometido pelos tradutores franceses.

B) Referências a animais (mamíferos, aves etc.):

Golinha:

TO: Passarinhos desafinados, no pé de turco espinhento do terreiro, cantavam espaçadamente. A barra do dia foi avermelhando o céu. Os golinhas continuaram a cantar com mais força (p. 19).

TF: Dans le *pé de turco* épineux planté devant la cour, des oiseaux piaillaient par intermittence. La barre du jour empourpra peu à peu le ciel. Les *golinhas* continuèrent à chanter de plus belle (p. 28).

TA: Auf dem stacheligen Pé-de-Turco-Baum im Hof sangen mißtönend dann und wann die Vögel. Die aufgehende Sonne färbte den Himmel rot. Die Vögel sangen mit größerem Nachdruck weiter (p. 30).

Nomes de pássaros, de maneira idêntica a nomes de plantas, costumam representar um grande desafio para tradutores que pretendem “transferir” uma cultura-fonte para uma cultura-alvo, servindo-se, para tanto, dos recursos linguísticos e culturais existentes na situação-alvo. Na TF, fez-se uso de uma NT para explicar o termo *golinhas*: «petits oiseaux que l’on pourrait comparer à des moineaux ». Vê-se que os tradutores, após explicar que se trata de pássaros de pequeno porte, compararam-nos, em francês, a *moineaux* (*pardais*, em português). O nome científico desse pássaro brasileiro, *Sporophila albogularis*, indica que ele tem uma gola branca (*albogularis*). Normalmente, *pardais* não apresentam esse detalhe, não possuem essa “gola branca”. Se os tradutores franceses, em outros exemplos com plantas e também com outros bichos (como veremos a seguir), já haviam dado a entender que manter o nome original e apresentar em um NT os detalhes pertinentes sobre o respectivo bicho seria uma estratégia metatextual a que eles recorriam com frequência, talvez tivessem tido um melhor resultado, se tivessem se atido a essa estratégia. Na TA, a tradutora sequer fez uma tentativa de comparar o pássaro brasileiro a um pássaro alemão ou “internacional”: opta, muito simplesmente, pela palavra *Vögel* (*pássaros*, em português). Cumpre destacar que na tradução de 2014, a tradutora alemã designa os *golinhas* como *Schwarzkehlchen* (QUEIROZ, 2014, p. 137; em uma tradução literal: *goelinhas pretas*).

Urubu:

TO: De mal-dos-chifres. Nós já achamos ela doente. E vamos aproveitar, mode não dar pros urubus (p. 28).

TF: Du mal des cornes. Elle était déjà malade quand nous l’avons trouvée. Et on va en profiter, histoire de ne pas laisser aux *urubus* (p. 40).

TA: An der Hörnerkrankheit. Sie war schon krank, als wir sie fanden. Wir wollen noch etwas davon haben, bevor die Aasgeier kommen (p. 43).

Urubu é um tipo de abutre da família Cathartidae, que é composta por aves distribuídas no continente americano. Trata-se, na verdade, de um abutre e, como tal, poderia ser traduzido pelo termo correspondente em cada uma das línguas, sem necessariamente se fazer uso do termo brasileiro. Se a TF realmente aponta uma tendência para uma estratégia de transferência do termo nacional do Brasil, os tradutores, decerto, apenas foram fieis a essa inclinação metodológica escolhida por eles. Em uma NT, consta a seguinte explicação: « urubu: charognard, appelé aussi vautour noir ». A nota destaca que se trata de um abutre negro, o que coincide com a noção de urubus no Nordeste do Brasil. Na TA, a tradutora segue seu método mais simplista e adota a palavra alemã genérica correspondente a *abutre*, isto é, *Aasgeier*.

Tejuaçu:

TO: Às vezes, o menino parava, curvava-se, espiando debaixo dos paus, procurando ouvir a carreira de algum tejuaçu que parecia ter passado perto deles (p. 47).

TF: Parfois, l'enfant s'arrêtait, se baisait, cherchant des yeux sous les arbustes, essayant de percevoir la fuite d'un *tejuacu* qui semblait être passé près d'eux (p. 63).

TA: Manchmal hielt der Junge an, lugte unter die Sträucher und versuchte eine Tejuacu-Eidechse zu hören, [...] (p. 71).

Na TF, é mantido o termo *tejuacu* que em seguida é explicado em uma NT: « genre de gros lézard ». Já na TA, o mesmo esquema voltado para a construção de uma palavra justaposta a partir de um termo alemão como base genérica (*Eidechse*, que significa *lagarto*) e um termo brasileiro com valor determinativo (*tejuacu*).

Boto:

TO: E lá não tem sezão, nem boto, nem jacaré ... (p. 80).

TF: Et là-bas, il n'y a ni fièvres, ni *boto*, ni caïmans ... (p. 104).

TA: Und da gibt es keine Malaria, keine Flußdelphine, keine Krokodile ... (p. 117).

Mais uma vez, os tradutores franceses optam por manter a palavra brasileira no texto original, confirmando que seguem uma estratégia tradutória que aposta com mais vigor na transferência de termos de caráter marcadamente cultural. Na NT, explicam o seguinte: « cétacé d'eau douce appelé aussi *solatie*, de la famille des dauphins, à qui l'on attribue des comportements fabuleux ». Como se pode ver, além de explicar que se trata de um cetáceo, incluem também uma explicação rápida sobre os atributos fabulosos desse animal. Faltou uma informação importante: trata-se de um cetáceo *de água doce*. Em alemão, a tradutora recorre à palavra alemã *Flußdelphine*, que significa, em tradução literal, *golfinho fluvial*.

Esperança:

TO: Insetos cor de folha – esperanças – saltavam sobre a rama. (p. 107).

TF: Des insectes couleur de feuille – des *esperanças* – voletaient sur les feuillages (p. 137).

TA: Insekten, die wie Blätter aussahen – „Esperanças“ – hüpfen über die Zweige (p. 156).

Embora haja em francês um termo que designa esse tipo de inseto (*mante religieuse*) que no Brasil costumamos chamar de *esperanças*, na versão francesa foi mantido o vocábulo em português. Isso possivelmente foi feito para preservar a ideia que a palavra *esperança* (que se aproxima da palavra francesa *espérance*) também evoca em sentido abstrato, dada a polissemia existente, nesse caso, em português. Em uma NT, encontra-se esta explicação: *Esperança*: “nom que l'on donne, au Brésil, à la mante religieuse”. Na primeira TA, dessa vez a tradutora optou por manter a palavra em português; não há, porém, nenhuma referência, por exemplo em uma NT, que permita fazer-se uma ligação entre a designação do inseto e o sentido abstrato da palavra homônima. Na tradução alemã de 2014, vê-se o termo *Gottesanbeterinnen*, tradução denotativa do inseto mencionado por Rachel de Queiroz, e em seguida o termo *esperanças* entre parênteses; não se faz, porém, nenhuma alusão à ideia do substantivo abstrato *esperança* (*Hoffnung*, em alemão), que no romance já se faz presente inclusive na cor verde dos insetos e que faz parte do imaginário local.

C) “Nomes de batismo” dados por humanos a animais:

Em seu romance, Rachel de Queiroz dá nome a diferentes animais, notadamente gado bovino, pelos quais as pessoas que vivem nas regiões semiáridas geralmente têm um grande apreço, já que são fonte de leite e carne, ou simplesmente se tornam quase membros da família. Por se tratar de nomes que têm um significado concreto na situação inicial, ou seja, na cultura cearense retratada pela escritora em sua obra, tais designações despertam a curiosidade do crítico de tradução, que quer verificar as estratégias seguidas nas duas traduções. Vejam-se abaixo alguns exemplos, acompanhados dos comentários sobre as respectivas estratégias metatextuais seguidas nas traduções:

Jandaia:

TO: Eh! Menino, olha a Jandaia! Tange para cá! (p. 6).

TF: «Eh! Toi, gare à la Jandaia! Pousse-la par ici!» (p. 12).

TA: „He, Junge schau mal, die Jandaia! Treib sie hierher!“ (p. 11).

No romance, surge uma vaca chamada *Jandaia*. Os tradutores franceses não apenas mantêm o mesmo nome, como também explicitam, em uma NT, que o nome Jandaia é o “nome de um pequeno papagaio do Nordeste” (« nom d’un petit perroquet du Nord-Est »). A tradutora alemã apenas manteve o nome *Jandaia*, sem tecer nenhum comentário a esse respeito.

Flor do Pasto:

TO: Até que a derradeira rês, a Flor do Pasto, fechando a marcha, também transpôs a porteira [...] (p. 12).

TF: Jusqu’à ce que la dernière bête, Fleur du Pré, fermant la marche, franchise elle aussi la barrière et [...] (p. 20).

TA: [...] bis die letzte Kuh, die „Blume der Weide“, die den Zug abschloss, auch das Tor durchschritt [...] (p. 20).

Em ambas as traduções, o nome da vaca aparece na respectiva língua estrangeira, consistindo, desse modo, em uma estratégia inversa ao ocorrido com a estratégia de tradução do nome da vaca *Jandaia*. O leitor francês recebe, na versão em seu vernáculo, uma vaca com nome francês, e o leitor alemão, uma vaca com nome alemão. Como estratégia de tradução, se pensarmos na teoria do escopo, que põe à frente o objetivo, o escopo específico que se quer atingir junto ao público da situação-alvo, podemos afirmar que essa decisão põe em xeque a coerência que cada um dos dois processos tradutórios estava seguindo. Como bem definiu Schleiermacher (2010, p. 57), “ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro”. Alternar esses dois caminhos em situações idênticas confunde o leitor do texto traduzido.

Limpa-Trilho:

TO: Diabo ruim! Pisca! Limpa-Trilho! Pisca! (p. 14).

TF: Vilaine bête ! Tss ! Limpa-Trilho ! Tss ! (p. 22).

TA: Alter Teufel ! Los ! Limpa-Trilho ! Los ! (p. 23).

Agora surge um cão que, certamente por estar sempre esfomeado, recebeu o nome de Limpa-Trilho. Na TF, há uma NT explicando que esse nome significa *gratte-chemin* (*arranha-caminho*), talvez por terem confundido *trilho* com *trilha*. Na TA, conforme a estratégia de operar um número mais reduzido de mediações culturais, a tradutora optou por apenas manter o nome em português.

Rendeira:

TO: Olha a Rendeira! E apontava para uma vaca pintada de preto e branco, [...] (p. 25).

TF: Regardez, la Rendeira. Et il montrait du doigt une vache à la robe noire et blanche, [...] (p. 36).

TA: Schau, die Rendeira! Und er zeigte auf eine schwarzweiß gecheckte magere Kuh, [...] (p. 40).

Nos exemplos acima, vê-se que a TF volta a seguir a estratégia mais comum ao processo tradutório que lhe serviu de base, isto é, o termo em português é mantido, e uma NT é colocada no rodapé: “La Dentellière, en portugais”.]. A TA segue seu processo usual e apenas repete o termo em português, sem pôr, em uma NT, por exemplo, a tradução literal *Klöpplerin*. A mera tradução da palavra *rendeira* não transfere, para a situação-alvo, o conteúdo cultural tipicamente cearense que se esconde por trás desse vocábulo: a *rendeira* costumava ser decantada como a figura feminina do Ceará em virtude do grande número de mulheres dedicadas ao *métier* de fazer renda.

D) Componentes históricas e geográficas:

Ao se transferirem conteúdos culturais mediante traduções, pode-se esbarrar, não raro, em dificuldades de tradução, notadamente quando se trata, no dizer de Nord (2016, p. 170ss) de pressuposições, que normalmente se referem “a objetos e fenômenos da cultura à qual pertence o emissor” (*ibid.*). Cabe ao tradutor, captá-las, decodificá-las e reverbalizá-las, de modo que o público-alvo as entenda. Vejam-se, a seguir, alguns exemplos:

Guerra do Paraguai:

TO: Levantou-se, foi novamente ao armário. E voltou com um grosso volume encadernado que tinha na lombada, em letras de ouro, o nome de seu finado avô, livre-pensador, maçom e herói do Paraguai (p. 4).

TF: Elle se releve, retourne à l’armoire et en revint avec un gros volume relié dont le dos portait en lettres d’or le nom de son défunt grand-père, libre penseur, franc-maçonn et héros de la guerre du Paraguay (p. 9).

TA: Sie stand auf und ging erneut zum Bücherschrank. Und sie kam mit einem dicken gebundenen Buch zurück, auf dessen Rücken in goldenen Lettern der Name ihres verstorbenen Großvaters stand, der Freidenker, Freimaurer und Held im Krieg mit Paraguay gewesen war (p. 8).

A simples menção da *Guerra do Paraguai* pode soar, para um estranho não familiarizado com a história da América do Sul em geral e do Brasil em particular, um tanto vaga e sem sentido. Para o leitor mais curioso, uma simples NT, como a apresentada na versão francesa, já supre, ainda que de maneira ínfima, sua curiosidade, e talvez até a aguça, a ponto de o leitor em seguida querer ler também sobre esse tema. Vejamos a NT francesa: « Guerre menée conjointement par le Brésil, l'Argentine et l'Uruguay contre le Paraguay, finalement vaincu, entre 1865 et 1872 ». Na TA, há apenas a tradução literal como referência a essa guerra que muito marcou a parte meridional do continente sul-americano.

Ceará:

TO: Ele já está fazendo a trouxa. Diz que vai pro Ceará e de lá pro Norte ... (p. 7).

TF: Il est déjà à faire son balluchon. D'après ce qu'il dit, il va à Ceará et ensuite vers le nord ... (p. 13).

TA: Er packt schon seine Sachen. Er sagt, er zieht nach Fortaleza und von dort weiter in den Norden ... (p. 12s).

A palavra Ceará, como aparece no contexto acima, pode representar uma armadilha para muitos tradutores. Trata-se, na verdade, de uma maneira de empregar esse vocábulo que já saiu de moda, de modo que atualmente poderia representar um problema de compreensão inclusive para brasileiros em geral e para cearenses em particular. Na NT, os tradutores da França mostraram que compreenderam a ideia de *Fortaleza, capital do estado*, expressa através de *Ceará*: « Il s'agit de la capitale de l'État du Ceará, dans le Nord-Est, Fortaleza ». A tradutora alemã age de modo semelhante, ao traduzir o termo *Ceará*, diretamente no texto, por *Fortaleza*. Por outro lado, em seu minúsculo glossário (talvez devido a uma decisão da própria editora), a tradutora explica o sentido de *lá pro Norte* (*in den Norden: zum Amazonas*), o que não ocorre na TF.

Cariri:

TO: Os pares eram o filho mais velho da casa – hoje casado e promotor no Cariri – e dois outros rapazes, colegas dele, que tinham vindo passar as férias no sertão (p. 10).

TF: Leurs cavaliers étaient le fils aîné de la famille – aujourd'hui marié et procureur dans le Cariri – et deux autres garçons, des camarades d'études, qui étaient venus passer les vacances dans le sertão (p. 17).

TA: Die Kavaliers waren der älteste Sohn des Hauses – heute verheiratet und Richter in der Provinz Cariri – und zwei andere junge Männer [...] (p. 18).

No estado do Ceará, o *Cariri* é uma microrregião que desde sempre foi, por assim dizer, comparativamente mais bem tratada e servida pela natureza, já que lá as secas em geral são menos violentas, há mais água e, por conseguinte, mais verde. Na TF, usa-se uma nota

para explicar esse fato: « région moins déshéritée du Nord-Est, au-delà du Sertão, autour de la ville de Juazeiro-do-Norte ». Já a TA dá a entender que se trata de uma província, quando, na realidade, é uma região dentro de um estado (ou província). Mediante o exemplo acima, mais uma vez vimos que a correta realização do ato comunicativo de tradução permite que se faça uma transferência adequada dos aspectos culturais contidos no texto-fonte; nesse processo, os tradutores (emissores/produtores do texto-alvo) atuam não como mediadores apenas linguísticos, mas, antes de tudo, culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações acima, entendemos que tradutores são mediadores culturais, intérpretes e exegetas; são, por conseguinte, responsáveis pela transferência de noções culturais entre espaços distintos e, por vezes, antagônicos. Através dos exemplos comentados neste artigo, foi possível demonstrar quão complexo se constitui o processo tradutório, aqui entendido como um ato comunicativo entre uma cultura-fonte e uma cultura-alvo, tendo como canal, primeiramente, a *língua-fonte* através do meio *livro*. Na situação original de produção, edição e publicação do livro *O Quinze*, Rachel de Queiroz é, se acompanharmos o raciocínio de Nord (1988; 2016), *iniciadora e emissora do texto* – do romance –, que, nessa *situação inicial*, é *transmitido*, através do meio escrito *livro*, para *receptores* “finais” que são os leitores falantes do português. Todavia, no *ato comunicativo* representado pela tradução dessa mesma obra, os próprios tradutores primeiramente atuam como leitores “finais” – ou *receptores* – do livro em português. Esses receptores especiais realizam, conforme o *escopo do ato de traduzir*, uma leitura arguta e extremamente perspicaz – quiçá a melhor leitura possível –, atendo-se não apenas às linhas, mas também às entrelinhas, para captarem (os) *elementos* tanto *intratextuais* quanto *extratextuais* que dão *coerência* e *coesão* ao texto como um todo. Após esse exaustivo momento de *compreensão* através de um exigente processo de *leitura*, em um segundo momento os tradutores entram na fase de *reverbalização*, em que passam a atuar como *emissores*. Aqui reiteramos que se trata, como assim entendem Reiss & Vermeer (1984; 1991) e também Nord (1988; 2016), de um *ato comunicativo* completo. Nesse momento de *reverbalização*, os tradutores, responsáveis pela transferência linguístico-cultural, “*relatam*” sobre a *situação original* e *imitam-na o máximo e o melhor possível*, agindo de modo compatível com os aspectos funcionais da nova situação, que pode ser alcançada através do canal *língua-alvo/cultura-alvo* e do meio *livro*.

Vimos, ao longo deste artigo, como é importante que as estratégias adotadas em um mesmo processo tradutório/ato comunicativo de tradução sigam uma linha metodológica coerente. Não se justifica, pois, dentro de um mesmo projeto tradutório, o emprego de estratégias metatextuais distintas para o tratamento de situações tradutórias idênticas. Também percebemos que, embora as duas traduções (português-francês e português-alemão) aqui analisadas apresentem soluções baseadas em estratégias tradutórias muitas vezes antagônicas entre si, seria possível defender, de modo geral, ambos os caminhos escolhidos. Corroboramos esse posicionamento por sermos cômicos de que, havendo coerência na escolha das estratégias, é possível se chegar, por vias distintas, a resultados aceitáveis ou até mesmo de grande qualidade tradutória.

Grosso modo, embora o modelo proposto por Espagne (1987; 2012; 2013), que por questões de espaço aqui não pôde ser analisado a fundo, tenha características sobremaneira vinculadas à metodologia historiográfica, não podemos nos furtar de ressaltar o importante papel que os tradutores desempenham como mediadores linguísticos e culturais. Em sua atuação, permitem que se realizem transferências culturais – e que estas se conservem ou até se perpetuem –, não apenas entre povos linguística e culturalmente muito próximos, mas

também entre as mais diferentes culturas do planeta, oriundas das mais diversas situações imagináveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, C. W. C. **Plantas tóxicas do Nordeste e plantas tóxicas para ruminantes e eqüídeos da microrregião do Cariri cearense**. 2011. Dissertação de Mestrado – Centro de Saúde e Tecnologia Rural, Universidade Federal de Campina Grande, Patos (PB).

ESPAGNE, Michel; WERNER, Michael. La construction d'une référence culturelle allemande en France: genèse et histoire (1750-1914). *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, ano 42, nº 4, p. 969-992, 1987. Disponível em: <<http://goo.gl/5Sqm1Z>>. Último acesso em: 31 ago. 2017.

ESPAGNE, M. ESPAGNE, Michel. Transferências Culturais e História do Livro. Tradução de Valéria Guimarães. **Livro** – revista do núcleo de estudos do livro e da edição, 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

ESPAGNE, M. La notion de transfert culturel. *Revue Sciences/Lettres*, 1/2013. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1987_num_42_4_283428>. Último acesso em: 31 ago 2017.

HOLMES, James S. (1972). The Name and Nature of Translation Studies. In: _____. **Translated Papers on Literary Translation and Translation Studies**. Amsterdam: Rodopi, 1988, p. 67–80.

KLOEPFER, R. **Die Theorie der literarischen Übersetzung**. Munique: Wilhelm Fink Verlag, 1967.

MITTMANN, S. **Notas do tradutor e processo tradutório**. Análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003.

MOUNIN, G. **Os problemas teóricos da tradução**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.

NIDA, E. A.; TABER, C. R. **The Theory and Practice of Translation**. UBS: Leiden, 1969.

NORD, C. **Textanalyse und Übersetzen**. Heidelberg: Julius Groos, 1988.

NORD, C. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática**. Tradução e adaptação coordenadas por Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti, 2016.

QUEIROZ, R. de. **Das Jahr 15**. 2ª ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1994 (1978).

QUEIROZ, R. de. **O Quinze**. 29ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.

QUEIROZ, R. de. **L'année de la grande sécheresse**. Paris: Bibliothèque cosmopolite Stock, 1986.

REISS, K. **Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik**. Munique: Max Hueber Verlag, 1986.

REISS, K.; VERMEER, H.-J. **Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie**. 2ª ed. Tübingen: Niemeyer, 1991.

ROMÃO, T. L. C. **Aspectos teórico-práticos da crítica de tradução**. In: EPPLE, 4., 1996, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Arte e Ciência, 1996.

ROMÃO, T. L. C. Die Problematik der Übersetzung von Begriffen aus afrobrasilianischen Religionen. In: KADRIC, Mira; KAINDL, Klaus; PÖCHHACKER, Franz (Org.). **Translationswissenschaft**. Festschrift für Mary Snell-Hornby zum 60. Geburtstag. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 2000.

ROMÃO, T. L. C. Definições de tradução e evolução dos estudos tradutórios. In: MATTES, Marlene Mattes, THEOBALD, Pedro (Org.). **Ensino & Cultura Contemporânea**. Fortaleza: edições UFC, 2010.

RÓNAI, P. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981 (1975).

SCHLEIERMACHER, F. Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso R. Braidá. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. Volume 1, alemão-português. 2ª ed. revisada e ampliada. Florianópolis: UFSC, 2010.

SNELL-HORNBY, M. (Org.). **Übersetzungswissenschaft: eine Neuorientierung**. 2ª ed. Tübingen; Basileia: Francke, 1994.

VERMEER, H.-J. **Skopos und Translationsauftrag – Aufsätze**. 2ª ed. Heidelberg: Universitätsdruckerei, 1990a.

VERMEER, H.-J. **Kulturspezifik des translatorischen Handelns – Aufsätze**. 2ª ed. Heidelberg: Universitätsdruckerei, 1990b.

VERMEER, H.-J. Übersetzen als kultureller Transfer. In: SNELL-HORNBY, Mary (Org.). **Übersetzungswissenschaft: eine Neuorientierung**. 2ª ed. Tübingen; Basileia: Francke, 1994.

WILSS, W. **La teoría de la traducción. Problemas y métodos**. Tradução espanhola de Gerda Ober Kirchner e Sandra Franco. Cidade do México: UNAM, 1988.